

Menos leitores, mais telas: os caminhos da leitura no Brasil segundo Zoara Failla

Gilberto Prado Silvano ^I  

Sandra Aparecida Pires Franco ^{II}  

Edgar de Campos Neto ^{III}  

Resumo

A 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* traz um diagnóstico preocupante sobre os hábitos leitores da população: entre 2019 e 2024, o percentual de leitores caiu de 52% para 47% e a média de livros lidos por ano também diminuiu. Para compreender melhor esse cenário, conversamos com Zoara Failla, socióloga e coordenadora do estudo, que há quase duas décadas atua no Instituto Pró-Livro (IPL). Em sua análise, Zoara destaca os impactos da pandemia de COVID-19, as desigualdades socioeconômicas e o papel das novas tecnologias na transformação da relação dos brasileiros com os livros. Ao longo da entrevista, ela aponta os principais desafios para a formação de leitores no país e defende políticas públicas urgentes voltadas à escola, às bibliotecas e às famílias, ressaltando a importância da leitura impressa no desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Palavras-chave: Leitura; pandemia; formação de leitores; políticas públicas.

- I. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, UEL. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. E-mail: gilberto.prado@uel.br
- II. Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, UEL. Professora da Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. E-mail: sandrafranco@uel.br
- III. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, UEL. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. E-mail: edgarcamposneto@gmail.com

Fewer readers, more screens: the paths of reading in Brazil according to Zoara Failla

Abstract

The 6th edition of the *Portraits of Reading in Brazil* survey presents a concerning diagnosis of the population's reading habits: between 2019 and 2024, the percentage of readers dropped from 52% to 47%, and the average number of books read per year also decreased. To better understand this scenario, we spoke with Zoara Failla, a sociologist and coordinator of the study, who has been working at the Pró-Livro Institute (IPL) for nearly two decades. In her analysis, Zoara highlights the impacts of the COVID-19 pandemic, socioeconomic inequalities, and the role of new technologies in transforming Brazilians' relationship with books. Throughout the interview, she points out the main challenges for fostering readers in the country and advocates for urgent public policies directed at schools, libraries, and families, emphasizing the importance of printed reading in cognitive, emotional, and social development.

Keywords: Reading; pandemic; reader development; public policies.



Menos lectores, más pantallas: los caminos de la lectura en Brasil según Zoara Failla

Resumen

La 6ª edición de la investigación Retratos de la *Lectura en Brasil* presenta un diagnóstico preocupante sobre los hábitos de lectura de la población: entre 2019 y 2024, el porcentaje de lectores cayó del 52% al 47%, y el promedio de libros leídos por año también disminuyó. Para comprender mejor este escenario, conversamos con Zoara Failla, socióloga y coordinadora del estudio, quien desde hace casi dos décadas trabaja en el Instituto Pró-Livro (IPL). En su análisis, Zoara destaca los impactos de la pandemia de COVID-19, las desigualdades socioeconómicas y el papel de las nuevas tecnologías en la transformación de la relación de los brasileños con los libros. A lo largo de la entrevista, señala los principales desafíos para la formación de lectores en el país y defiende políticas públicas urgentes dirigidas a la escuela, a las bibliotecas y a las familias, resaltando la importancia de la lectura impresa en el desarrollo cognitivo, emocional y social.

Palabras clave: Lectura; pandemia; formación de lectores; políticas públicas.



Introdução

Os hábitos de leitura dos brasileiros continuam em transformação e os números mais recentes acendem um alerta. Nesse sentido, a 6ª edição que é também a última atualização da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2024 pelo Instituto Pró-Livro (IPL), ela que tinha como objetivo conhecer o comportamento do leitor em suas especificidades. Os dados mostram uma queda no percentual de leitores, que passou de 52% em 2019 para 47% em 2024, além de uma redução na média de livros lidos por ano, de 4,95 para 3,96.

Entre os fatores que contribuíram para a respectiva queda, não podemos de mencionar os impactos que a pandemia de Covid-19 teve sobre o nosso país. O COVID-19 foi um momento de crise sanitária causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, atingindo a população de maneira global. O período da crise sanitária abrangeu de março de 2020 a maio de 2023. No Brasil, houve a necessidade de isolamento social, isso acarretou na suspensão das aulas escolares, dentre outras atividades. Com isso, os fatores socioeconômicos, culturais e tecnológicos que vem moldando a relação dos brasileiros com os livros foram impactados.

Para compreender as causas e implicações dessa tendência, conversamos com ¹Zoara Failla, socióloga, pesquisadora e coordenadora do estudo. Com uma trajetória a promoção da leitura, ela analisa os resultados da pesquisa e aponta os principais desafios enfrentados pelo país: a ausência de bibliotecas em muitas escolas, a deficiente formação de professores leitores, o peso crescente das redes sociais e a perda de espaço da leitura no tempo livre.

Em relação ao desenvolvimento da entrevista, ela foi realizada no dia 19/08/25, via e-mail, isso foi uma opção da entrevistada. Enviamos as 14 perguntas para ela e as respostas foram devolvidas por e-mail, portanto ressaltamos que não houve uma interação entre as partes envolvidas. Nesse sentido, existem autores e conceitos citados pela professora que não foi possível clarificar na apresentação da produção textual da entrevista.



Ao longo da entrevista, Failla também destaca o papel fundamental da família e da escola na formação do gosto pela leitura, discute os efeitos da digitalização e alerta para a urgência de políticas públicas capazes de reduzir desigualdades regionais e sociais, assegurando que o livro, seja ele impresso ou digital, continue a desempenhar seu papel essencial na formação cultural, cognitiva e cidadã dos brasileiros.

Entrevista

Entrevistadores: A 6ª edição da pesquisa revela uma queda no percentual de leitores (abrangendo os diferentes públicos: infantil, juvenil e adultos) no Brasil, de 52% em 2019 para 47% em 2024, e também uma diminuição na média de livros lidos por ano por todos os entrevistados (de 4,95 em 2019 para 3,96 em 2024). Como a senhora interpreta esses resultados? De que forma a pandemia de COVID-19, com suas restrições e mudanças nos hábitos de vida pode ter influenciado essa queda e quais outros fatores (socioeconômicos, culturais, tecnológicos) a senhora considera relevantes para essa tendência?

Zoara Failla: Identificamos o impacto da pandemia, em especial, na queda do percentual de leitores (de 71%, em 2019, para 62%, em 2024), na faixa de 05 a 10 anos. A maioria das crianças teve dificuldade para acesso a aulas online e muitas dependiam dos celulares dos seus pais, o que, certamente, impactou na aprendizagem e na formação leitora, em especial, nessa faixa etária, quando as práticas presenciais de leitura são essenciais. A pesquisa também nos revela que mais de 50% dos estudantes dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e dos Anos Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental dependem da biblioteca escolar para acesso aos livros indicados pelos professores. O isolamento também impactou esse acesso aos livros durante a pandemia.

Mas há outros fatores que se somam às dificuldades de acesso ao livro e a queda nas práticas leitoras em salas de aula e em bibliotecas, em parte motivadas pela pandemia. Sabemos, segundo CENSO do MEC, que mais de 50%



das escolas públicas não têm biblioteca escolar e cerca de 1.500 bibliotecas públicas foram fechadas nos últimos dez anos.

A pesquisa também nos traz outras revelações sobre o que pode explicar a queda no percentual de leitores: como apontado em questões seguintes, mais de 90% da população com mais de 14 anos, usa seu tempo livre na internet e nas redes sociais. 43% das crianças estão nos vídeos games. Somente 20% usam esse tempo de lazer para leitura de livros (impresso ou digital).

Entrevistadores: A pesquisa indica um aumento no acesso à internet (88% da população) e no uso de aplicativos de mensagens e redes sociais em comparação com 2019. Além disso, o uso de celular/smartphone para leitura digital disparou de 73% em 2019 para 97% em 2024 entre quem já leu livros digitais. De que maneira a pandemia pode ter acelerado ou consolidado a digitalização da leitura e o uso de dispositivos móveis? Quais as implicações dessas mudanças para o futuro do livro impresso e para a experiência leitora no Brasil?

Zoara Failla: Certamente a pandemia contribuiu com a elevação no percentual de quem usa celulares/smartphones para leituras digitais e para outros hábitos de consumo e culturais da população. Mas, não podemos creditar somente à pandemia essas mudanças. Não sou especialista nessa área, mas sabemos que a tecnologia digital e o uso de dispositivos móveis para acessar plataformas e redes sociais têm impactado: a economia, com compras via plataformas digitais (aqui verificamos o impacto no fechamento de várias livrarias físicas); o acesso a bens culturais (vídeos/streaming e leituras) e no poder de influenciadores digitais. Essas transformações já estão impactando o consumo de livros – digitais ou impressos. A queda, segundo pesquisas sobre vendas no varejo, de acordo com a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), impacta livros impressos e físicos, o que revela que o problema não está no suporte – papel ou digital, mas sim na queda no interesse pelos livros (47% declaram não ter lido por falta de tempo ou desinteresse e 17% confessam não gostar de ler) e no percentual daqueles



que apontam dificuldades para ler, 36% não compreendem o que leem - 28% são os ²analfabetos funcionais - Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF).

Entendo que o desinteresse pela leitura de livros, além do vício pelas telas, que certamente é o principal desafio em países como o Brasil que não têm uma cultura leitora pode ser explicada por fatores que se somam: a deficiente formação de leitores pela escola, o perfil leitor do professor, as dificuldades de acesso ao livro e as dificuldades em valorizar e despertar o interesse pela leitura. Aqui, a família tem um papel fundamental nesse despertar do gosto na infância, mas sabemos que são poucas as famílias leitoras e que percebem essa importância.

Entrevistadores: Os dados de 2024 revelam que 68% dos leitores que usam livros digitais percebem que interrompem mais a leitura para consultar mensagens no celular ou computador, enquanto 58% conseguem ler por mais tempo em livros em papel. Como essa percepção de interrupção e dificuldade de concentração no meio digital pode afetar a qualidade da leitura e o desenvolvimento da capacidade de atenção dos leitores, especialmente os mais jovens? O IPL tem alguma visão sobre como mitigar esses desafios?

Zoara Failla: Essas questões foram incluídas na sexta edição da pesquisa, dado o grande interesse e polêmicas em relação à avaliação sobre a leitura em telas e a leitura em livros impressos. Buscamos identificar a percepção desses leitores sobre: a concentração, a compreensão, a imaginação (sobre personagens e cenas descritas), a aprendizagem, os novos vocabulários e o tempo dedicado à leitura, itens que definem a habilidade para uma leitura “profunda”. Interessante verificar que entre quem tem nível superior encontramos o maior percentual (65%) de quem consegue ler por mais tempo ou que consegue maior concentração com o livro em papel. Esses resultados, além de inúmeros estudos de neurocientistas e avaliação de sistemas educacionais de países como a Suécia, embasam nossa defesa na leitura de livros impressos nas escolas, em especial, para crianças e jovens. Infelizmente, temos visto em alguns estados brasileiros a substituição de livros por conteúdos desenvolvidos



para plataformas digitais, em geral, “moldados” com perguntas e respostas prontas, eliminando a necessidade de uma análise mais complexa e contextual de textos e priorizando a memorização, em geral, com foco em vestibulares ou ENEM.

Neurocientistas, como ³Maryanne Wolf, Michel Desmurget e outros, têm avaliado o impacto das telas no desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional dos jovens e apontado o livro impresso como antídoto para o que chamam de ⁴“cérebro podre”.

Como mitigar? difícil identificar como enfrentar esse “vírus” que é mantido por grandes potências interessadas em usar as telas e redes sociais para manipulação de vontades, consumo, representações, identidades e política. Talvez o livro e a leitura crítica sejam as principais “armas”. Dependemos de políticas públicas e da união de forças de toda a sociedade, incluindo as mídias, para buscar formas de reverter esse “contágio”.

Entrevistadores: A falta de tempo (47%) e a preferência por outras atividades (9%) são as principais razões citadas pelos leitores para não terem lido mais em 2024. Entre os não leitores, a falta de tempo (33%) e o não gostar de ler (32%) são as principais barreiras. A pandemia alterou a dinâmica dessas barreiras? A senhora percebe uma intensificação da competição entre a leitura e outras formas de lazer digital, como assistir vídeos/filmes ou usar redes sociais, que aumentaram no tempo livre da população?

Zoara Failla: Respondido acima: Apenas acrescentar que durante a pandemia houve aumento na venda de livros para leitores adultos, em especial, no gênero religioso e autoajuda.

Entrevistadores: A pesquisa de 2024 separou os livros técnicos/científicos/profissionalizantes de outros tipos na medição da média de livros lidos. Notou-se uma queda na leitura de livros por vontade própria (de 47% para 43%). Quais as principais motivações para a leitura de livros no cenário atual (gosto, distração, atualização cultural/conhecimento geral, crescimento pessoal, motivos religiosos)? Como as prioridades e necessidades dos leitores



evoluíram, e o que essa queda na leitura por vontade própria pode indicar sobre o papel da leitura na vida dos brasileiros hoje?

Zoara Failla: A queda na leitura por vontade própria foi de 47% para 43% e a motivação para a leitura por gosto de 44% para 45%. Esta diferença está dentro da margem de erro. Podemos dizer que não houve grande variação entre leitores que leem por gosto e uma variação de quatro pontos percentuais entre quem lê por vontade própria. Mas, entre todos os entrevistados amplia aqueles que dizem não gostar de ler de 22% para 29% e cai os que dizem gostar muito: de 31% para 26%.

O gosto continua sendo a principal motivação para ler, o que reforça a importância de despertar o prazer pela leitura enquanto criança. Aliás, é na faixa etária de 05 a 10 anos, onde encontramos o maior percentual daqueles que dizem gostar de ler (86% dizem gostar muito ou gostar de ler). As crianças ficam fascinadas pelos livros infantis quando lhes oferecemos algum. O desafio é descobrir por que perdemos esses leitores pelo caminho e porque cai o percentual daqueles que dizem gostar de ler a partir dos 14 anos. Provavelmente, porque os pais e os professores não estão alimentando esse gosto oferecendo livros que possam encantar ou despertar o interesse dessas crianças. Como revela a pesquisa, 43% estão nos videogames revelando que os pais substituem livros por celulares.

Já a motivação dos adultos é bastante pulverizada. Mas, identificamos uma elevação importante no interesse por livros religiosos a partir de 2015, apesar da queda em 2024. A Bíblia continua sendo o livro mais citado, e teve uma pequena elevação em 2024, o que reflete a elevação de evangélicos e pentecostais. Aliás, cresce o percentual de entrevistados que indicam o líder religioso como o principal influenciador na escolha do livro lido. Além da Bíblia, somente não identificamos queda na leitura de contos, biografias e autoajuda.

Sabemos, pelas pesquisas de venda de livros, em que a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pelas respostas de consumidores de livros de literatura, que os influenciadores



digitais têm mobilizado o interesse por alguns autores e subgêneros na ficção como “romantasia”. Essa influência aparece também nas Bienais e feiras de livros. Mas, a Pesquisa revela hábitos da população brasileira e não o interesse de alguns segmentos, em especial, jovens de classe A e de maior escolaridade.

A indicação da escola ou de professores continua sendo uma das principais influências para o interesse em literatura (46%), especialmente entre os mais jovens. No entanto, a leitura de livros indicados pela escola caiu de 26% para 13% entre 2019 e 2024.

Entrevistadores: Quais estratégias podem ser desenvolvidas para fortalecer a influência dos professores e da escola na promoção da leitura de forma mais eficaz?

Zoara Failla: A Pesquisa também identificou o perfil leitor dos professores. As preferências são muito parecidas com as dos brasileiros. Os livros mais citados são Bíblias, religiosos e autoajuda. Com esse repertório de leituras, fica difícil identificar livros que possam interessar aos jovens e desenvolver atividades que sejam mobilizadoras, sem ser leitor desses livros. Mas sabemos que outros fatores impactam nas práticas leitoras na escola: a condição de trabalho dos professores, que os obriga a terem jornadas duplas sem tempo para a leitura e sem condições de acesso a livros, a formação dos professores e de bibliotecários, pois no currículo não tem disciplinas para formar professores leitores ou mediadores de leitura, e a ausência de bibliotecas escolares. É fundamental e urgente políticas públicas que garantam a formação dos professores, bibliotecários escolares e a formação continuada. As escolas devem ter programas envolvendo as famílias nos projetos voltados à leitura.

Entrevistadores: A percepção sobre o hábito de leitura dos pais mostra que 24% dos leitores relatam que suas mães sempre liam, em comparação com 14% dos não leitores. Além disso, 55% das crianças de 5 a 13 anos afirmam que seus pais ou parentes costumavam ler para elas. Qual a importância da leitura familiar e do exemplo dos pais na formação do gosto pela leitura, especialmente



considerando que a influência da mãe permanece alta (71% em 2019 para 67% em 2024)?

Zoara Failla: A família tem um papel fundamental no despertar do gosto pela leitura de forma lúdica, afetiva e prazerosa. Essas experiências ficam na memória afetiva da criança e aproximam do livro e literatura não como obrigação.

Mas, sabemos que são poucas as famílias leitoras e com condições para acesso aos livros. A escola deve estar preparada para assumir esse despertar nas creches e escolas infantis, oferecendo espaços lúdicos e professores mediadores.

Entrevistadores: A frequência geral a bibliotecas diminuiu de 25% para 12% entre 2019 e 2024. Entre os não frequentadores, 85% dizem que nada os faria frequentar mais a biblioteca, e os principais motivos que os levariam a frequentar são maior proximidade, mais livros/títulos novos e títulos interessantes. Quais são os maiores desafios para as bibliotecas brasileiras se adaptarem às novas realidades de leitura e continuarem sendo espaços relevantes em um cenário pós-pandemia e crescentemente digital?

Zoara Failla: A representação que se tem das bibliotecas como lugar para estudantes e para estudar, afasta a população desses espaços, e, também, o modelo de biblioteca que prioriza a preservação de seus acervos. Importante ressignificar esses espaços e a formação/atuação de bibliotecários para que as bibliotecas sejam mobilizadoras e acolhedoras e que ofereçam atividades que possibilitem compartilhar experiências de leitura e da comunidade. Que promovam encontros, contação de histórias, descobertas de autores locais etc. As bibliotecas Comunitárias têm conseguido atrair a população das comunidades e há relatos importantes de transformação de vidas a partir das experiências de leitura e de conexões, nesses espaços.

Entrevistadores: A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” é uma base crucial para o fomento à leitura e a difusão do livro no país. Com base nos dados desta 6ª edição, quais seriam as prioridades mais urgentes para novas



políticas públicas de leitura ou para o ajuste das iniciativas existentes, visando reverter as tendências negativas e fortalecer o ecossistema do livro e da leitura no Brasil?

Zoara Failla: Prioridades para as políticas públicas: garantir a formação de professores e bibliotecários leitores e mediadores de leitura ; universalizar bibliotecas escolares; rever o modelo de bibliotecas públicas; promover campanhas sobre a importância das famílias no despertar do gosto pela leitura e sobre a importância da leitura de livros no desenvolvimento cognitivo, emocional, nas relações pessoais e na formação política. Garantir a alfabetização funcional e promover o ⁵letramento literário para a visão de mundo e ampliar repertório cultural, humanização e a empatia.

Entrevistadores: A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024 mostra que as classes A e B continuam apresentando os maiores percentuais de leitores (62% e 60% respectivamente), embora todas as classes tenham experimentado uma queda em comparação com 2019. Além disso, a média de livros lidos por ano é consistentemente maior entre aqueles com maior escolaridade e renda. Como o IPL interpreta essa persistência da disparidade socioeconômica na leitura? A pandemia acentuou essa lacuna ou apenas revelou a resiliência de padrões preexistentes?

Ainda sobre o perfil de leitores por classe, o estudo de 2024 indica que a Classe B tem um percentual de 36% de ouvintes de audiolivros, em comparação com 31% em 2019. Essa é uma tendência de inclusão digital ou uma nova forma de consumo de conteúdo que, por exigir dispositivos e acesso à internet, pode reforçar divisões entre as classes? Que tipo de iniciativas seriam necessárias para expandir o acesso e o uso de audiolivros para classes sociais menos favorecidas?

Zoara Failla: Em todas as edições da Retratos identificamos maior percentual de leitores nas classes A e B e na população de maior escolaridade. Esses dados confirmam que não está sendo garantida a qualidade da Educação



e o direito à Leitura, ao letramento literário e ao livro às populações mais vulnerais.

Temos poucos elementos para responder de forma consistente a segunda questão, mas endosso sua questão/análise, alterando um pouco a amplitude da exclusão: “essa é uma tendência de inclusão digital ou uma nova forma de consumo de conteúdo que pode reforçar divisões entre classes?” Penso que por exigir dispositivos e acesso à internet, deve privilegiar aqueles que têm possibilidade dessa aquisição, ampliando a exclusão e não a Inclusão digital; se não for contemplado por política públicas para possibilitar acesso a esses equipamentos em bibliotecas e escolas.

Entrevistadores: Todas as regiões do Brasil registraram uma queda no percentual de leitores entre 2019 e 2024, com o Nordeste apresentando o menor percentual (43%) e a menor média de livros lidos por ano (2,88). Em contrapartida, o Sul (53% leitores, 4,96 livros/ano) e o Sudeste (46% leitores, 4,45 livros/ano) mostram-se mais resilientes. Quais fatores regionais (como infraestrutura de bibliotecas, acesso à internet, índices educacionais, políticas culturais locais) a senhora considera determinantes para essas diferenças?

Zoara Failla: Creio que os resultados das avaliações sobre a educação no Brasil (SAEB e IDEB) podem explicar melhor essas diferenças. Temos mais bibliotecas escolares no Sul e Sudeste, por exemplo, mas há outros dados sobre a gestão das escolas, formação dos professores e programas.

Entrevistadores: A intersecção entre classe social e região é crucial. Por exemplo, um indivíduo da classe D/E no Nordeste enfrenta desafios diferentes de um da mesma classe no Sudeste. A pesquisa permitiu identificar como as condições socioeconômicas e geográficas se interligam para criar perfis de leitores ainda mais complexos?

Zoara Failla: A pesquisa não faz essa análise por região. A amostra não possibilita avaliar por segmentos socioeconômicos por região. Temos somente perfil leitor segundo renda e classe social.



Entrevistadores: Há dados que demonstrem se a queda na leitura foi mais acentuada em regiões menos desenvolvidas ou em classes sociais mais vulneráveis?

Zoara Failla: Temos por classes e renda. Não cruzamos por regiões.

Entrevistadores: Considerando as disparidades evidentes tanto por classe social quanto por região, e o contexto pós-pandemia, quais seriam as recomendações mais prementes do Instituto Pró-Livro para a implementação de políticas públicas que atuem de forma mais direcionada, visando reduzir as desigualdades no acesso e no hábito de leitura em todo o território nacional?

Zoara Failla: Respondi acima, sobre as prioridades que as políticas públicas devem garantir para toda a população. Certamente, as classes mais vulneráveis, que dependem de escolas públicas, dependem do êxito dessas políticas. Mas, escolas rurais, multisseriadas, instaladas em assentamentos ou comunidades com população mais vulnerável, deveriam ter programas especiais para garantir o acesso a livros, por meio de Bibliotecas Móveis; aulas em períodos integrais envolvendo atividades culturais e de práticas leitoras/ biblioterapia. Professores com formação especial para acolherem ou lidarem com diferentes necessidades sociais e emocionais.

A partir da entrevista percebemos que ainda existe a necessidade da formação de leitores que desenvolvam uma consciencia critica da realidade da sociedade. e também afirmamos que em nossos dias não é possível viver sem os artefatos tecnológicos, mas é necessário à sua utilização de maneira consciente.

Notas

- 1 A entrevistada não possui currículo ativo na plataforma lattes.
- 2 O termo analfabeto funcional refere-se aos sujeitos que sabem ler e escrever minimamente, mas não possuem a fluência e compreensão.
- 3 Maryanne Wolf, é neurocientista, pesquisadora, professora e defensora de crianças e de letramento ao redor do mundo. Michel Desmurget, é pesquisador e escritor francês especializado em neurociência cognitiva.



- 4 O conceito de “cérebro podre” ele vem do inglês (brain rot) que significa a deterioração mental e intelectual causada pelo consumo excessivo e desenfreado de conteúdos digitais superficiais e de ritmos acelerados.
- 5 O Letramento literário é o processo em que ocorre a apropriação da linguagem pelo sujeito em seus sentidos e significados, superando o processo de somente decodificar.



Como citar

Silvano, Gilberto Prado; Franco, Sandra Aparecida Pires; Neto, Edgar de Campos. Menos leitores, mais telas: os caminhos da leitura no Brasil segundo Zoara Failla. **Educação em Análise**, Londrina, v. 11, p. 1-16, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2026.v11.55183>.

Submetido em: 08 de março de 2026

Aceito em: 25 de maio de 2026

Publicado em: 14 de setembro de 2026



CRediT

Reconhecimentos	Não se aplica
Financiamento	Não se aplica
Conflicto de intereses	Os autores certificam que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética	Não se aplica
Contribuição dos autores	SILVANO, G. P. afirma ter realizado Elaboração do Questionário, Análise Formal e Rascunho original. FRANCO, S. A. P. afirma ter realizado Conceituação, Supervisão e Curadoria de dados. NETO, E., C. afirma ter realizado Revisão, edição e Validação.

Equipe Editorial

Editora de seção:	Gabriele Machado
Membro da equipe de produção:	Junior Peres de Araujo
Assistente de editoração:	Simone Steffan
Layout e Diagramação:	Carolina Motter Pizoni - Escritório de Apoio ao Editor Científico

